

Projeto Cara de Pavio abrindo veredas para a Educomunicação

Regina Márcia Tavares Vasques

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar o projeto transmidiático *Cara de Pavio* como ferramenta introdutória da Educomunicação nas instituições escolares. A partir da problematização do cenário educacional e da exposição das dificuldades encontradas para o nascimento de um ambiente propício à prática educacional inserida nas propostas pedagógicas, contextualizamos o projeto e as diferentes possibilidades de trabalho com suas frentes, no sentido de propiciar a reflexão e a prática que buscam a criação de um novo modelo pedagógico necessário para a implementação de projetos educacionais.

Palavras-chaves: Educomunicação, diálogo, projetos, conhecimento, prática pedagógica.

Abstract

The goal of this paper is to present the transmedia project *Cara de Pavio* as a tool to introduce Educommunication in educational institutions. From the problematization of the educational setting and the exposition of the difficulties

for the birth of a propitious environment for the educommunicative practice inserted into the educational proposals, we contextualize the project and the different work possibilities with its fronts, seeking the reflection and the practice that leads to the creation of a new pedagogical model needed for the implementation of educommunicative projects.

Keywords: Educomunicação, dialogue, projects, pedagogical practice.

Introdução

Quando olhamos imparcialmente para a realidade social na qual estamos inseridos, sobretudo para a educação e para o uso e o entendimento das tecnologias de informação, não podemos deixar de perceber que este contexto não é o ideal para o nascimento de projetos educomunicativos. A organicidade necessária para a criação de ecossistemas comunicativos democráticos raramente existe naturalmente. Um terreno fértil, onde a relação entre emissor e receptor seja dialógica e altruísta, as tecnologias de informação sejam vistas como ferramentas passíveis de críticas e reflexões e os projetos pedagógicos contem com a colaboração de todos os atores sociais envolvidos em seu fazer – resumidamente –, é um terreno ainda a ser construído.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional,

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1996).

Como formar um cidadão se, em suas atividades cotidianas na instituição escolar que frequenta, ele não tem o direito de opinar; de sugerir; de falar a respeito de suas ideias, preferências, gostos; de preservar a sua identidade? O mesmo podemos falar a respeito do professor, que também não se vê como sujeito desse processo, pois deve realizar tarefas já estipuladas anteriormente, sem questioná-las, muitas vezes.

Para que todos os sujeitos envolvidos com a educação, dentro de uma determinada sociedade, sintam a necessidade de identificar-se e apropriar-se do processo educativo, é imperativo que tenham uma visão mais clara a respeito do mundo em que vivem e de quem são dentro deste mundo. Em outras palavras, não podem fechar-se no universo da educação institucional e tradicional, que se restringe a um espaço local e conhecido, cheio de conteúdos que não se relacionam entre si e pressupõem a memorização, em detrimento da aprendizagem real e significativa. Para que a escola se transforme num espaço democrático e completo de sentidos, é necessário mudar o seu “modelo comunicativo-pedagógico” (BARBERO, 2000).

No sentido de enfatizar alguns pontos abordados anteriormente, é importante destacar que temos consciência das profundas dificuldades existentes no cenário educacional e social do nosso país, que propiciam obstáculos complexos para uma necessária mudança de paradigmas. O currículo obrigatório, que deve ser seguido por todas as escolas do país, independentemente de sua localização geográfica, da sua organização cultural, da comunidade que atende etc., é imposto e supervisionado pelos órgãos governamentais responsáveis, como as diretorias de ensino e os conselhos regionais de educação, por exemplo. Para “facilitar” que esse currículo seja cumprido, cada vez mais materiais didáticos, como livros e apostilas, têm sido elaborados contemplando todo o conteúdo que deve ser abordado no ensino básico e chega ao professor sequenciado, dividido, planejado e organizado em função do tempo determinado de trabalho com cada tópico. Os professores tornam-se apresentadores de conteúdos, reproduzindo o que já lhes chega pronto. O aluno, por sua vez, torna-se um receptor passivo, visto como uma “lata vazia”, nas palavras de Paulo Freire (1982, p. 23). O conhecimento é visto de modo estático, como algo que pode ser passado de mão em mão, sem se alterar, sem se modificar. Empresto, mais uma vez, as colocações tão elucidativas de Freire (1983, p. 16):

Por isso mesmo é que, no processo de aprendizagem, só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido transformando-o em apreendido, com o que pode, por isto mesmo, rein-

ventá-lo; aquele que é capaz de aplicar o aprendido-aprendido a situações existenciais concretas.

Pelo contrário, aquele que é enchido por outro de conteúdos cuja inteligência não percebe, de conteúdos que contradizem a forma própria de estar em seu mundo, sem que seja desafiado, não aprende.

Ao contrário do que parece, à primeira vista, porém, a intenção aqui não é fazer colocações que nos possam posicionar num ponto sem volta ou sem perspectivas de solução. A partir da tomada de consciência da realidade; a partir do entendimento e da reflexão crítica do que temos como contexto educacional em nosso país é que podemos propor modificações, abrindo veredas para a instauração de uma *práxis* capaz de desatar alguns nós que nos pareciam tão cegos até então. A *práxis*, de acordo com o pensamento do filósofo Antonio Gramsci, é conhecimento e ação; é dialética. Sobre isso, Giovanni Semeraro (2001, p. 102) pondera:

Por meio da dialética, ciência das inter-relações das diversas partes da realidade, instrumento de compreensão das suas dinâmicas e contradições, é possível estabelecer novas relações cognitivas e operativas na sociedade devido às ligações recíprocas e inseparáveis entre história, política e economia.

Assim chegamos à Educomunicação, prática que se propõe a repensar ações, no sentido de buscar novas formas de estabelecer relações educativas e comunicativas; que tem no diálogo e no envolvimento significativo de todas as pessoas envolvidas no processo educacional o seu foco; que se apresenta como uma possibilidade de mudança, se a entendemos como um projeto que nasce na essência da necessidade do homem de se comunicar, essência, esta, completamente imbricada com a educação. Nas palavras do professor Ismar Soares (s/d, p. 4), “[...] toda relação comunicativa pode transformar-se numa relação educativa e toda ação educativa deveria transformar-se em ação comunicativa”. Não podemos, no entanto, incorrer nos mesmos erros abordados até agora achando que podemos simplesmente implantar a Educomunicação nas insti-

tuições educacionais formais ou não formais. A Educomunicação não pode, em hipótese alguma, se apresentar como mais uma prática invasiva e antidemocrática, como tantas que acontecem, o tempo todo, na Educação. Se assim for, reduzimos a nossa prática ao uso das tecnologias da informação, simplesmente para completar conteúdos ou “enfeitar” a didática. A Educomunicação não pode ser entendida como uma simples ferramenta a ser incorporada à escola; ao contrário, de dentro da escola deve nascer um projeto educacional. Para isso, porém, a urgência encontra-se na construção de uma escola democrática – tema já tão estudado e pensado até hoje, mas ainda tão distante da realidade.

São pontos fundamentais para a instauração da Educomunicação: a participação democrática do professor, do aluno, da equipe educativa e dos pais, em relações equilibradas e harmônicas; a criação de um espaço legítimo para a criatividade; a reflexão e a busca de uma consciência crítica sobre forma e conteúdo, texto e contexto, teoria e prática; a percepção da realidade e a possibilidade de transformação dela; e a produção de conhecimento. Sem eles, redundamos num mesmo erro: impor uma mudança. Ora, uma mudança imposta é uma prática invasora e opressora, portanto, não educacional.

O projeto

Cara de Pavio não é um projeto educacional. É um projeto transmidiático composto por três frentes que se comunicam entre si: o canal Casa Cara de Pavio, transmitido pelo YouTube e pelo Facebook; o livro *Conversinhas*, que possui um blog; e o *pocket show* de mesmo nome. A ideia foi concebida a partir da parceria de duas empresas: Núcleo PauBrasil – Educação e Cultura e Cara de Pavio – produções artísticas. Sob a perspectiva cultural, essa parceria acabou ganhando força ao unir a Educação, a Comunicação e a Arte.

Casa Cara de Pavio é um canal de poesias, músicas e outras brincadeiras composto por mais de 30 episódios que já foram exibidos, além dos que ainda estão sendo gravados. Os programas são temáticos e transdisciplinares, o que nos permite apresentar a possibilidade de múltiplas abordagens de um mesmo assunto. Em outras palavras, um mesmo tema pode ser apresentado na forma

literária, plástica, musical, lúdica etc., abrindo, assim, um leque ainda maior de possibilidades de exploração do conhecimento quando, ao ligar um assunto de interesse a outro que pode ser ainda mais interessante, propiciamos a ampliação do repertório do público e até a curiosidade e a motivação para a pesquisa e a busca de saber mais.

O canal nasceu em outubro de 2015, a princípio, com o objetivo de trazer para crianças, pais e educadores um rico conteúdo relacionado, sobretudo, à nossa língua e às diferentes possibilidades de lida com ela, além de serem, os episódios, cheios de ludicidade e interatividade. A partir da extensão do canal, pelo Facebook, a audiência cresceu e o retorno recebido foi sendo cada vez mais interessante, sobretudo no que diz respeito ao público-alvo. Crianças, pais e educadores começaram a nos enviar mensagens e comentários relacionados aos temas trabalhados, à maneira como o conteúdo estava sendo recebido em casa e na escola e começaram, então, a aparecer convites para interações presenciais.

Essas respostas e comentários nos trouxeram a certeza de que, de alguma forma, nosso conteúdo e a sua abordagem específica estavam chegando às escolas e aos pais – primeiros educadores – da maneira esperada. Assim aconteceu o nosso primeiro contato com a escola Bluffdale Elementary, da cidade de South Jordan, Utah, nos Estados Unidos¹.

A escola é pública e tem um projeto muito interessante de imersão na Língua Portuguesa. A coordenadora do projeto, professora brasileira Silvia Juhas, nos colocou em contato com Mackensie Elizabeth Freitas, professora da segunda turma de alunos de *Portuguese Dual Immersion*. Os alunos trabalham com um material didático preparado pela coordenadora, em Português, e assistem ao canal semanalmente, desde o início do ano de 2016. Eles aprendem as brincadeiras, recitam as poesias e já começam a inventar as suas próprias. Em videoconferência, os alunos tiveram a oportunidade de fazer perguntas e mostrar

1 Disponível em: <<http://jordandistrict.org/schools/elementary/bluffdale/>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

alguns trabalhos ao poeta Paulo Netho, que é também o protagonista do Casa Cara de Pavio.

A partir de julho deste ano, os episódios, que já eram exibidos pelo YouTube e pelo Facebook, passaram também a fazer parte da programação do canal Smart, ligado à empresa Cabonnet de telecomunicações, que atende a região de Osasco e outras cidades do interior paulista. Dessa maneira, conseguimos ampliar ainda mais a nossa audiência e chegar mais perto do nosso público de interesse.

No final do ano de 2015, iniciamos o planejamento do livro que deveria integrar o projeto Cara de Pavio. A ideia era levar ao público as poesias inéditas apresentadas no canal, num suporte mais tradicional, que tivesse, assim, maior possibilidade de chegar às escolas cuja resistência às diferentes mídias, infelizmente, ainda é grande. Assim nasceu o livro de poesias *Conversinhas*, do autor Paulo Netho, por meio do selo editorial independente Cara de Pavio. O poeta, que também é o personagem principal do canal, já tem 15 livros publicados por editoras de grande porte, como Saraiva (Formato), Peirópolis, Positivo, entre outras.

O livro, além das poesias, traz ilustrações ingênuas, ao estilo *naïf*, com traços simples e muitas cores. A graça das poesias misturada ao colorido das ilustrações acaba fazendo muito sentido para crianças de diferentes faixas etárias, pois traz fatos e personagens que fazem parte do universo infantil, envolvidos num tema geral, que é a conversa. Todas as poesias representam algum diálogo, alguma troca de ideias. Assim, o livro oferece desde o simples desfrutar da leitura de palavras e imagens até um trabalho mais elaborado com diversos conteúdos que podem ser trabalhados de maneiras muito diversas.

O início do envolvimento no universo da leitura é como um jogo para a criança; uma brincadeira que abrange acreditar no que ela está ouvindo e emocionar-se com o que ela está vendo. As palavras, as ilustrações, o tipo de letra, as cores, o formato, tudo isso contribui com o jogo da leitura, que, antes de tudo, deve ser divertido.

A poesia infantil apresenta-se como um campo fértil propício ao desenvolvimento da representação do imaginário da criança. As rimas, a métrica, o rit-

mo e a melodia da poesia são elementos que, se bem explorados, trazem um efeito melódico que fascina os pequenos. Agindo diretamente na sensibilidade infantil, a poesia é também um eficaz meio de proporcionar à criança a exploração da língua materna, aumentando a sua competência na expressão oral, na comunicabilidade e, sobretudo, na sociabilização. Tudo isso somado ao tema *diálogo*, assunto central do livro, que acaba compondo um convite aberto à quebra de paradigmas ainda tão inflexíveis dentro da Educação, como a participação ativa e criativa do aluno, por exemplo.

O *pocket show* Conversinhas aconteceu simultaneamente, como meio de apresentação do livro. Dessa maneira, por meio da graça, da brincadeira e do encantamento, o livro é apresentado às escolas e chega com mais facilidade aos alunos, professores, equipe educativa e aos pais.

O projeto Cara de Pavio, então, começa a abrir caminhos, não como ferramenta, mas como uma “desculpa introdutória”, se assim podemos dizer. É claro que, atendendo à demanda das escolas, o projeto traz consigo um material elaborado especialmente com sugestões de trabalho pedagógico que incluem múltiplas possibilidades de realizações, inclusive de produção de conhecimento. Porém, essa prática, já tão impregnada nas unidades escolares, de simples reprodução de conhecimento e consumo de informações, não contempla nossos objetivos. O alcance maior que almejamos é a possibilidade de abertura de um espaço de palavra e opinião, um espaço em que assuntos como a obrigatoriedade, a ordem e a relevância dos conteúdos, a instauração da voz do aluno e a iniciativa do professor no processo educativo, a produção de conhecimento na escola, entre outros sejam amplamente discutidos; e, a partir daí, seja dado o pontapé inicial para um início de mudança e para a criação de novas e atuais propostas pedagógicas.

As sementes devem ser lançadas em terrenos férteis, e esses terrenos devem ser preparados. Não são estéreis, mas também ainda não estão prontos. Para isso, ideias e ações devem se encontrar nos terrenos educativo e comunicativo, proporcionando questionamentos, reavaliações, dúvidas, curiosidades e buscas, pois é por meio do conflito que nasce a aprendizagem; nada de novo surge

quando estamos satisfeitos com aquilo que já sabemos. Os saberes acomodados são improdutivos.

Considerações finais

O projeto Cara de Pavio surge para trazer o conflito, para desestabilizar as práticas estagnadas e, muitas vezes, alienadas. No livro infantil *A Fada Que Tinha Ideias*, de Fernanda Lopes de Almeida (Editora Ática, 1971), a fadinha Clara Luz diz: “Quando alguém inventa alguma coisa, o mundo anda; quando ninguém inventa nada, o mundo fica parado”. É certo dizer que os saberes acumulados por séculos de estudos e pesquisas devem ser muito valorizados, pois são os alicerces para a busca de novos saberes; são a nossa “nutrição” de conhecimento. Sendo assim, porém, esses saberes devem ser encarados como ponto de partida e não como ponto de chegada. Não é aceitável que o objetivo da Educação reduza-se a “transmitir” aos alunos conteúdos organizados, selecionados, classificados e fatiados, premeditadamente. Como nos contentar com isso, sem a perspectiva do novo? Como deixar de notar que esse objetivo é estagnante e tem gerado a bancarrota da produção de novos conhecimentos que vemos hoje, nas universidades inclusive.

Se a escola continuar acreditando que sua função maior é transferir conhecimentos – como se isso fosse possível – não conseguirá contribuir com a construção de cidadãos ativos, capazes de transformar estruturas, de planejar e elaborar um novo projeto social, visando ao estabelecimento de metas como a diminuição da desigualdade social ou a busca de um novo modelo social, sustentável e direcionado à harmonia. A escola deve ser o lugar onde se constrói o novo; deve estabelecer-se como um terreno fértil, capaz de deixar florescer os novos pensadores, os novos *criadores de ideias*. Lugar onde a liberdade de escolher não se adaptar aos modelos impostos e o direito à palavra devem ser as novas leis.

Portanto, a Educomunicação deixa de ser simplesmente uma ideia nova e passa a ser uma necessidade. Mais que nunca é preciso falar e pensar em Educomunicação e, conseqüentemente, na elaboração de uma metodologia de capacitação de professores, coordenadores, diretores, enfim, de todos os envolvidos no

processo educativo, para a criação de um projeto pedagógico educomunicativo em sua essência; um projeto interdisciplinar que não se conforme com alunos passivos, mas que valorize as experimentações, as vivências, as descobertas, a criação e a crítica.

Referências bibliográficas

BARBERO, Jesús Martín. Desafios Culturais da Comunicação à Educação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 181, p. 51 a 61, maio-ago. 2000.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Lei nº 9.394/96- Artigo 2º, Título II – Dos Princípios e Fins da Educação Nacional. 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf>. Acesso em: 28 maio 2017.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

SEMERARO, Giovanni. Anotações para uma Teoria do Conhecimento em Gramsci. **Revista Brasileira de Educação**. n. 16, jan./fev./mar./abr., 2001, p. 95-104.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Uma Educação para a Cidadania**. s/d. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/aeducunicacao/saibamais/textos/>>. Acesso em: 25 ago. 2016.